

O gosto das palavras

A peça de Elfriede Jelinek parte do ciclo de Schubert “Viagem de Inverno” e reconfigura-o para um teatro de pura atualidade

TEXTO JOÃO CARNEIRO

Franz Schubert compôs o ciclo “Viagem de Inverno” (“Winterreise”) em 1827, a partir de 24 poemas de Wilhelm Müller (1794-1827), de quem já utilizara textos para o seu primeiro ciclo de *Lieder*, “A Bela Moleira” (“Die Schöne Müllerin”, 1823). O título, já utilizado por Müller, refere elementos concretos que justificam e legitimam a expressão: o frio, o gelo e uma desolação muito frequentemente associada ao inverno. É a partir desta tonalidade, em princípio emocional, que é possível partir para uma descrição e uma apreciação, embora muito sucintas e estritamente aproximativas, no plano musical, daquilo que pode ser o sentido ou o universo de sentidos quer do ciclo quer da utilização da expressão “Viagem de Inverno”. Percorrer os títulos de alguns dos *Lieder* do ciclo é já dar conta de muito daquilo que a obra é, ou de que trata, ou que refere. “Boa Noite”, “O Catavento”, “Lágrimas Geladas”, “No Rio”,

“Fogo Fátuo”, “Descanso”, “Solidão”, “O Correio”, “Última Esperança”, “Ilusão” e “A Estalagem” são alguns exemplos. “Viagem de Inverno” é uma espécie de narrativa — ‘descrição’ será, eventualmente, um termo menos incorreto — de um percurso que começa com um adeus, a que “Boa Noite” faz referência; o adeus do viajante à mulher amada e a partida para uma viagem que, de imediato, adquire os contornos da errância. É uma viagem cuja motivação inicial — a volubilidade amorosa e a desadequação entre amantes — se vai manifestando, ao longo do ciclo, e assumindo aspetos de uma progressiva, embora não linear, dissolução de pontos de referência não apenas espaciais mas emocionais, afetivos, psicológicos, existenciais. A memória de um tempo feliz irrompe episodicamente, para cada vez mais acentuar uma espécie de final que não é a morte física — até esta é negada —, mas sim uma espécie

de congelamento do espírito; um tocador de realejo, nas margens do convívio humano, faz girar maquinalmente a sua manivela, como um parafuso sem fim, e consubstancia todo o horizonte existencial do sujeito da obra, o viajante.

A fortuna deste ciclo de Schubert, enquanto inspiração criativa, é enorme. Curiosamente, uma das grandes obras de teatro com o mesmo nome foi criada por Klaus-Michael Grüber em 1997, mas a partir do “Hyperion”, de Hölderlin. Não é o caso da obra de Elfriede Jelinek. A sua “Viagem de Inverno”, criada no Kammerspiele de Munique, em 2011, tem como referência maior o ciclo de Schubert. São oito partes, sem que seja definido nem o número nem o género dos intérpretes. Nuno Carinhas e as atrizes que interpretam o espetáculo — Ana Cris, Flávia Gusmão e Teresa Gafeira; Sara Carinhas participa também num fragmento em vídeo — começaram o trabalho de ensaios pela escuta, justamente, da “Viagem de Inverno” de Schubert. Elfriede Jelinek retoma praticamente todos os motivos e temas do ciclo e reconfigura-os num texto em que a atualidade concreta, as coisas, questões, notícias e pessoas dos dias de hoje se articulam com as questões existenciais e filosóficas do ciclo de Schubert. As férias na neve, o desporto e os casamentos por interesse convivem com um discurso intenso sobre a passagem do tempo, o amor, a relação entre real e ilusão, a errância moral e afetiva, a desadequação entre sujeito, lugar e tempo, a dissolução do eu. “Como se estivesse a ver o crepúsculo e a aurora ao mesmo tempo, o tempo está fora dos eixos”, diz uma das vozes. A dimensão física deste teatro passa pela voz e pela palavra e por um envolvimento muito intenso das atrizes com os seus discursos. Porque, como diz o encenador, “se não se tiver o gosto de falar, ninguém vai ter o gosto de ouvir”. ●

VIAGEM DE INVERNO

De Elfriede Jelinek

Teatro Municipal Joaquim Benite,
Almada, até 23 de fevereiro



Teresa Gafeira é uma das atrizes de “Viagem de Inverno”, peça com encenação de Nuno Carinhas